

Arqueologia Africana: Memória e patrimônio nos acervos brasileiros

Mara Rodrigues Chaves*

CHAVES, M.R. Arqueologia Africana: Memória e patrimônio nos acervos brasileiros. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 207-211, 2011.

Resumo: O objetivo deste artigo é abordar questões referentes à preservação da memória e do patrimônio no âmbito da arqueologia e da museologia, contribuindo para o estudo da cultura material africana nos museus brasileiros. Essa discussão faz parte da pesquisa de mestrado em arqueologia pelo MAE/USP sob a orientação da Profa. Dra. Marta Heloisa Leuba Salum (Lisy).

Palavras-chave: Arqueologia Africana – Coleções de Museus – Patrimônio.

O ato de colecionar de objetos de outras culturas é muito antigo, os museus existem há séculos com múltiplas facetas até chegar à forma que se conhece atualmente.

Inicialmente o interesse dos europeus em explorar a costa da África era por seu potencial econômico, viajavam em busca de escravos, ouro, marfim, condimentos, etc. Raramente traziam artefatos produzidos pelos africanos, e provavelmente os primeiros trabalhos de arte trazidos para a Europa foi no séc. XVI, sendo um grupo de objetos de estilos híbridos entalhados em marfim por artesãos africanos com temas europeus. (Willett: 1971).

No final do séc. XIX início do séc. XX, as expedições europeias retiravam objetos de contextos diversos e reclassificavam conforme os seus interesses. Hipoteticamente uma máscara ritual africana podia ser colocada ao lado de uma máscara ritual da Melanésia e uma vez identificada e descrita a composição material e a forma estética de cada máscara, os dois artefatos eram classificadas conforme a sua complexidade e tecnologia. Assim eram estabelecidos estágios

hierarquicamente diferenciados de evolução entre as sociedades das quais os objetos vieram. (Gonçalves: 2007).

Em outras palavras o contexto não era considerado, refletindo no tratamento e na abordagem das coleções nos museus. Trataremos especificamente das coleções africanas, foco de interesse deste artigo.

O papel da arqueologia nos estudos das culturas e civilizações antigas africanas tem sido fundamental e é graças a esta disciplina que se reconhece que a África é o berço da humanidade, e palco de grandes revoluções tecnológicas da história. Ela mostrou que foi na África, mais precisamente no Egito, que floresceu uma das mais brilhantes civilizações antigas do mundo. (cf. Ki-Zerbo: 1982).

Um dos primeiros antropólogos a se dedicar ao estudo da África foi Leo Frobenius, começando a escrever em 1896 sobre a arte de povos não europeus, sugerindo que eles tinham o impulso de fazer peças de formas naturais que continham ideias e significados, porém, antes dele começar a escrever, Gauguin havia ido ao Taiti para uma mostra da cultura não europeia, exatamente em um momento em que os artistas europeus estavam ávidos por novas experiências artísticas, mas foi apenas em meados de 1904-1905 que a estética da arte na África impactou os artistas.

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Mestranda em Arqueologia. <marachaves@usp.br>

Em 1905 Maurice Vlaminck ganhou uma máscara Fang e mostrou a André Derain que ficou impressionado e a comprou, mostrando para Pablo Picasso e Henri Matisse que ficaram igualmente impressionados com o artefato. Ambroise Vollard pegou a máscara emprestada e fez um molde de bronze e é a partir desse movimento que ocorre a revolução da arte do séc. XIX. (Willett: 1971).

É neste período que os artistas representantes do cubismo, entre eles Pablo Picasso, Georges Braque e Juan Gris, se apropriaram da estética Africana como inspiração para seus trabalhos, o que nos leva a refletir que foi necessário os europeus dizerem que a arte africana era boa para que ela fosse legitimada.

Sobre isso, Samuel Sidibé, atual diretor do Museu Nacional de Mali, afirma que o conceito de arte não tem inteligibilidade para os africanos, essa nomenclatura é ocidental, e não existe arte africana e sim arte da África, pois o continente é extenso e cada região tem suas peculiaridades. Ressalta que na atualidade os museus africanos foram excluídos do debate sobre cultura material africana por questões financeiras, pois não conseguem formar uma coleção significativa de sua própria cultura material. (debate do “I Encontro Afro Atlântico na Perspectiva dos Museus”, realizado no Museu Afro Brasil, em São Paulo, em maio de 2011).

O fato é que as coleções africanas estão nos museus europeus e também nos Estados Unidos. O Museu Afro Brasil, localizado na cidade de São Paulo, também enfrenta a dificuldade de aquisição de objetos africanos, conforme afirma o curador Emanuel Araújo. Neste mesmo debate, trazendo essa discussão para o foco do nosso estudo, que são as instituições museológicas brasileiras que possuem em seu acervo coleções africanas reveladas pela arqueologia, e que têm como proposta fazer um levantamento nos catálogos disponíveis dos acervos dos museus brasileiros, dos objetos africanos – da África subsaariana – que sejam de origem arqueológica ou que remetam à arqueologia, tratou-se dos objetos africanos que eram apresentados fora de contexto e uma das preocupações de nosso estudo é como a cultura material africana é apresentada nos nossos museus. A metodologia desta pesquisa é essencialmente bibliográfica e a princípio a constituição do corpus documental será realizada sobre a documentação pertinente ao acervo do MAE/USP.

Paralelamente iniciamos uma pesquisa, que continua em processo, sobre as escavações realizadas na África Subsaariana, para inferir de quais regiões estes objetos teriam vindo.

Fizemos uma planilha procurando preencher os seguintes dados: data em que a expedição foi liderada; arqueólogo que comandou; sítios arqueológicos escavados; locais mais estudados, qual período e por que; achados; país atual; museu em que se encontra a peça. Neste estudo preliminar percebemos que em determinados períodos, algumas regiões foram mais exploradas do que outras e que alguns locais foram pouco estudados, porque isso ocorreu é uma questão a ser respondida no curso da elaboração da dissertação, pois é evidente que isso refletiu nos acervos dos museus em todo o mundo.

Percebemos nas pesquisas preliminares em catálogos de intuições museológicas que o Museu Paraense Emilio Goeldi, possui em seu acervo uma peça que poderia passar despercebida, se não fosse o material de que é feita e a sua intrigante forma de um X. Trata-se de um objeto chamado “Cruz de Katanga” – uma “moeda em cobre” dos baluba, cada haste tem com medida por volta de 23 cm (cf. Figueiredo, Rodrigues 1989:169) (Fig. 1).

Cruzetas desse tipo foram encontradas em pesquisas arqueológicas realizadas em dois cemitérios, sendo o primeiro em Sanga por J. Nenquin e J. Hiernaux (1957 e 1958), situado às margens do Lago Kisale, e depois em Katoto (1959), próximo à margem direita do Rio Lualaba e perto de Bukama, a cerca de 130 km de Sanga. (Maret: 1996)



Fig. 1. Moeda em cobre (Cruz de Katanga). Grupo Baluba. Foto: Marta Heloisa Leuba Salum (Lisy). Acervo: MPEG 6.495.

Essa pesquisa nos remeteu a uma região do território ocupado pelos Baluba desde a formação dos grandes reinos da África Central no século XVI, conforme a tradição oral. Esse território situa-se na Província do Shaba que antes era chamado de Katanga, o que explica o nome da peça.

Essa cruz de cobre foi um objeto recebido como moeda pelos basonge dos baluba, com exclusividade, sendo depois retrabalhadas por seus ferreiros, as pessoas consideradas mais importantes depois do chefe. A apropriação dessas cruzetas como moeda pressupõe sua importância como símbolo de poder e de insígnia social. (cf. Salum 1990: 83).

Os Baluba atualmente encontram-se situados dentro das divisas políticas da atual República Democrática do Congo (RDC) (ex Zaire), ao sul, assim como os sítios de Sanga e de Katoto, que, conforme pesquisa realizada por Pierre de Maret em 1974, remontam a um período situado entre os séculos VII e IX da era cristã.

Temos uma foto de Pierre de Maret (1975), em Kikulu (R.D.C) de um túmulo Luba (dos Baluba) de características similares aos achados de Sanga e Katoto (séc. VII a XII), embora este seja de época recente (século XIX) (Fig. 2).

As ossadas encontradas com cruzetas eram poucas e diferiam das demais, podendo ser inferido a partir de técnicas de investigação e análise de dados, terem sido os indivíduos dessa minoria os responsáveis pelo provimento de cobre. A partir de todos os objetos de metalurgia encontrados nos dois sítios, concluiu-se que o trabalho de cobre já havia atingido um alto grau de requinte. (Van Noten: 1983: 644-648).

Os objetos encontrados nos sítios arqueológicos tais como metais utilizados por pescadores e agricultores, comparados com a tradição oral mostraram níveis sociais e políticos complexos e tecnologia sofisticada.

Em 1988, Pierre de Maret deu o seu livro sobre as escavações realizadas em Upemba na década de 1970 à população da região onde havia trabalhado. O autor apontou para a necessidade dos arqueólogos e do povo local reconhecerem tanto os benefícios da arqueologia quanto da tradição oral e que o seu livro sobre o povo Luba pode influenciar a tradição oral e, em contrapartida, os futuros leitores podem causar impacto na prática arqueológica naquela região trazendo novos *insights* sobre o passado Luba. (Maret: 1996).

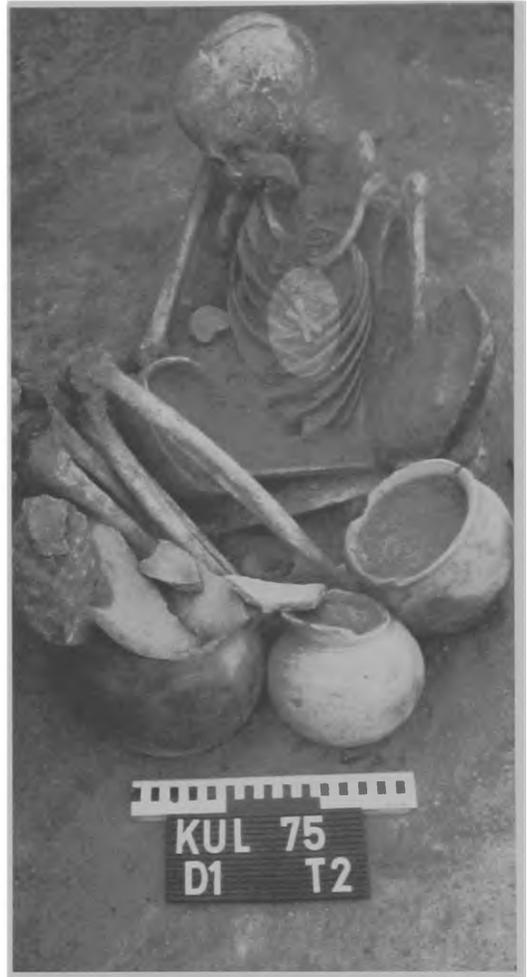


Fig. 2. Kikulu (R.D.C). Foto: Pierre de Maret, 1975. Fonte: De Maret; Childs (1996, p. 54).

As primeiras produções das conhecidas esculturas de terracota na África foram datadas entre 500 a. C. e 200 d. C., e tornam-se conhecidas em 1943, com as escavações lideradas por Bernard Fagg. Uma das mais importantes descobertas arqueológicas foi uma cabeça de terracota encontrada em uma mina de estanho por uma balconista que a levou para sua casa e a colocou como espantalho em uma plantação de inhame, permanecendo lá por um ano até que o gerente da mina F. H. Townend viu e levou o artefato até Jos onde Fagg estava trabalhando.

O arqueólogo percebeu a importância histórica do achado, semelhante a uma cabeça

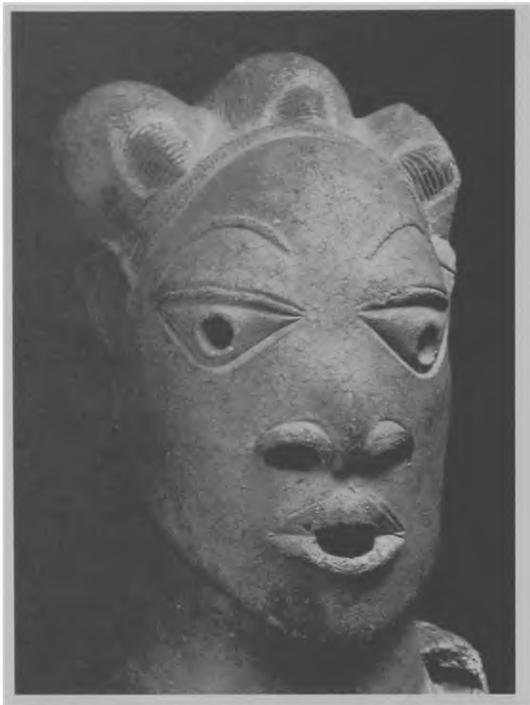


Fig. 3. Nok – National Museum, Lagos. Terracota: 33.8 cm; V a. C.

Foto: A. Jemolo, Rome. Fonte: Bassani (2005, p. 50).

de macaco encontrada em 1928 em uma mina de estanho. Pelo fato da peça ter sido encontrada em um vilarejo de NOK, além de ser prática arqueológica dar o nome do lugar onde primeiro foram encontradas evidências, Fagg nomeou a cultura que tinha produzido as peças de esculturas em terracotas de Cultura NOK. (Eyo; Willett: 1980) (Fig.3).

No que se refere à coleção africana do MAE, ela não é formada a partir de pesquisa de campo, mas sim de objetos vindos da África conforme nos lembra a profa dra Marta Heloisa Leuba Salum (Lisy), responsável e estudiosa desta coleção.

Marianno Carneiro da Cunha (arqueólogo assiriologista) foi coordenador do setor africano do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP no período de 1976 a 1980 e teve um olhar voltado para os processos de construção de identidade da sociedade brasileira com a África. Trouxe para o acervo várias peças compradas na Nigéria na década de 1970, onde foi leitor na Universidade de Ilê Ifé, entre 1974 a 1976.

Em seu estudo sobre a influência africana nas artes plásticas do Brasil, o autor destaca a escultura, por considerar a maior contribuição do ponto de vista técnico e artístico da África Negra, embora considerasse que a dança e música também fossem importantes para a formação de nossa cultura. (Carneiro da Cunha: 1983).

As diretrizes da interdisciplinaridade, entre a arqueologia, a história da arte e a etnologia da África, parece ter sido a motivação principal do trabalho desenvolvido no MAE/USP por Marianno Carneiro da Cunha, que é explicitada quando se refere à “evolução da escultura africana” (p. 978-984). Neste trecho de seu capítulo o autor baseia-se na cronologia discutida por Frank Willett, sob o título de “escultura antiga” onde descreve a estética das esculturas NOK mostrando o crescente grau de estilização, onde os olhos começam a se projetar, os lábios são projetados em duas protuberâncias horizontais e as orelhas são representadas em uma variedade de formas simplificadas. Para Willett essas três características representam a escultura moderna ioruba. (Willett, 1971: 65-80).

Marianno acrescenta às três características citadas acima, a forma da cabeça, geralmente cilíndrica, esférica ou cônica; penteados elaborados; orelhas colocadas em posições variadas; bocas, orelhas, narinas e pupilas geralmente vazadas; olhos às vezes triangulares, concluindo que as representações humanas são estilizadas e as representações dos animais são naturalistas. Em seguida fez um estudo comparativo entre os traços estilísticos na representação do rosto humano das esculturas de NOK, e as máscaras atuais iorubas, chamadas Gueledés, que existiram na Bahia até o começo do século XX, até a década de 1930. (cf. Ribeiro Jr., 2008, dissertação de mestrado realizada junto ao PPGArq).

Este fato é de grande importância porque aponta para uma tradição escultórica africana que, durante um período de mais ou menos dois mil e quinhentos anos, teria se prolongado até na feição plástica e iconológica da cultura material dos cultos afro-brasileiros. É nesse sentido que podemos pensar nos objetos que remetem à arqueologia.

CHAVES, M.R. African Archaeology: Memory and heritage in Brazilian collections. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 207-211, 2011.

Abstract: The aim of this paper is to approach questions about the preservation of memory and heritage in the archaeology and museology contexts, contributing to the study of African material culture in Brazilian museums. This discussion is part of a Master degree research in archaeology at MAE/USP under the supervision of Professor Marta Heloisa Leuba Salum (Lisy).

Keywords: African Archaeology – Museum collections – Heritage.

Referências bibliográficas

- BASSANI, E. (Ed.)
2005 *Arts of Africa: 7000 years of African Art*. Milão: Skira.
- CARNEIRO DA CUNHA, M.
1983 Arte afro-brasileira. In: Zanini, W. (Coord.) *História Geral da Arte no Brasil*, Vol. II. São Paulo, Instituto Walter Moreira Salles; Fundação Djalma Guimarães: 975-1033.
- DE MARET, P; CHILDS, S.T.
1996 Re/Constructing Luba Pasts. In: Roberts, M.N.; Roberts, A.F. *Memory: Luba Art and the Making of History*. New York, The Museum for African Art: 49-59.
- EYO, E.; WILLETT, F.
1980 *Treasures of Ancient Nigeria*. New York: Knopf.
- FIGUEIREDO, N.; RODRIGUES, I.
1989 *A Coleção Etnográfica Africana do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém: MPEG/CNPq.
- GONÇALVES, J.R.S.
2007 *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda.
- KI-ZERBO, J. (Coord.)
1982 *História Geral da África, I: Metodologia e Pré-História da África*. São Paulo: Ática; [Paris]: UNESCO.
- RIBEIRO JR., A.
2008 *Parafemália das mães-ancestrais: as máscaras gueledé, os edan ogboni e a construção do imaginário sobre as “sociedades secretas” africanas no Recôncavo Baiano*. Dissertação de Mestrado São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- SALUM, M.H.L.; CERAVOLO, S.
1993 Considerações sobre o perfil da coleção africana e afro-brasileira no MAE-USP. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 3: 167-185.
- SALUM, M.H.L.
1990 A grande estatuária songe do Zaire. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- VAN NOTEN, F; COHEN, D.; DE MARET, P
1983 A África Central. In: Mokhtar, G. *História Geral da África, II: A África Antiga*. São Paulo: Ática; UNESCO: 635-653.
- WILLETT, F.
1971 *African Art: an introduction*. New York: Praeger Publishers.
- CATÁLOGO:
2005 BASSANI, E. *Arts of Africa: 7000 years of African Art*. Mônaco, Skira/ Grimaldi Fórum Mônaco: 50.